



4967 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

EDUCAÇÃO INFANTIL, INFÂNCIA E GÊNERO NAS REUNIÕES DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Sandro Vinicius Sales dos Santos - UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Isabel de Oliveira E Silva - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

EDUCAÇÃO INFANTIL, INFÂNCIA E GÊNERO NAS REUNIÕES DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Resumo

O artigo consiste em uma revisão dos trabalhos apresentados na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) entre os anos de 1996 e 2017. O *corpus* de análise compreendeu 21 comunicações orais (oito textos encontrados no Grupo de Trabalho 07 – Educação da Criança de Zero a Seis anos e, treze outros escritos encontrados no grupo de trabalho 23 – Gênero, Sexualidade e Educação). Após análise, os trabalhos foram agrupados nas categorias: relações de gênero entre adultos e crianças; relações de gêneros na perspectiva das crianças; pedagogias de gênero produzidas para as crianças; balanços e revisões da produção acadêmica. A análise destacou as principais correntes teórico-metodológicas presentes na investigação sobre a temática, ressaltando as aproximações e os distanciamentos da produção acadêmica. As conclusões do estudo permitem problematizar as evidências de constituição recente de um campo de pesquisas emergente na pós-graduação brasileira nos últimos dois decênios.

Palavras-chaves: relações de gênero; Educação Infantil; produção acadêmica.

Introdução

Este artigo apresenta os resultados de um estudo que analisou a produção acadêmica brasileira do campo da educação que, entre os anos de 1996 e 2017, investigou as interseções de gênero, infância e Educação Infantil. Produzido a partir de dados oriundos de uma investigação mais ampla realizada em nível de doutorado, o artigo analisa os trabalhos apresentados nos últimos 20 anos nas reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped).

Presencia-se nos últimos dois decênios, um aumento dos estudos e pesquisas que se ocuparam em compreender o cotidiano dos espaços de educação e cuidado destinados às crianças de zero a seis anos com foco nas relações de gênero. Tal produção tem demonstrado relevância por evidenciar, dentre diferentes questões, a emergência do interesse dos/as pesquisadores/as do campo educacional pela socialização de gênero^[1] vivenciada por crianças de até seis anos de idade no contexto de creches e pré-escolas (FARIA, 2006; SILVA e LUZ, 2010).

Os cuidados e a educação das crianças de até seis anos, por meio das transformações no marco regulatório sobre os direitos das crianças em geral e, em especial, da área da educação, passam a ser responsabilidade também do Estado. Assim, o convívio e o confronto entre os diferentes atores nas instituições de Educação Infantil tornam-se objetos de pesquisas com foco nas especificidades das relações entre os sujeitos, cujos quadros de referência apontam para as mais distintas relações de poder (ROSEMBERG, 1996; FARIA, 2006; SILVA e LUZ, 2010).

Diante desse cenário e frente à produção acadêmica brasileira dos dois últimos decênios problematizam-se as seguintes questões: *o que se tem produzido e veiculado na Anped nesse período sobre as relações de gênero na perspectiva das crianças? Quais as especificidades das pesquisas sobre relações de gênero entre as crianças em espaços de cuidado e educação que os trabalhos apresentados na associação evidenciam? Quais metodologias são utilizadas para se captar a densidade das experiências de gênero vivenciadas por crianças de até seis anos em espaços de cuidado e educação?*

O conceito de gênero é aqui compreendido como um conjunto de códigos culturais produzidos *sobre e a partir* dos modos como os corpos são socialmente significados ao passo em que são concomitantemente construídos. Trata-se, pois de uma *performance* cotidiana que é recorrentemente aberta à reflexão e ao questionamento, ou seja, o conceito de gênero conforma-se como um construto individual metódico, recorrente e situado nas interações interpessoais (WEST e ZIMMERMAN, 1987; THORNE, 1997; CONNELL e PEARSE, 2015), nas quais os indivíduos constroem o gênero ao mesmo tempo em que são por ele determinados.

Ao analisar a produção acadêmica recente sobre gênero, infância e Educação Infantil, constatam-se outros balanços da produção científica, entre os quais identificamos quatro aspectos: um, que se refere à compreensão da constituição da área da Educação Infantil (ROCHA, 1999); outro que trata da análise de pesquisas sobre infância na pós-graduação em

educação (ROCHA, 2007; MARTINS FILHO, 2010); um terceiro relativo à incidência do tema nos periódicos de cunho feministas (PRETTO e LAGO, 2013); e ainda um grupo de estudos que objetivou mapear a produção científica sobre a temática em contextos internacionais (MORROW, 2006).

1. Sobre a seleção dos textos e outros procedimentos metodológicos

Metodologicamente, estudos de revisão de literatura como este objetivam analisar a produção acadêmica de modo a possibilitar um mapeamento, isto é, um inventário descritivo do estado atual do conhecimento produzido em determinado setor das publicações relativas à temática em questão (ROMANOWSKI e ENS, 2006) e que, em nosso caso, constitui *corpus* de análise que expressa parcela significativa da produção acadêmica sobre gênero, infância e educação infantil.

A constituição desse *corpus* segue o que preconizam Bauer e Aarts (2013). Trata-se de um *corpus* tópico, que tem por objetivo conhecer o quanto e como tem sido abordado o tema das relações de gênero na Educação Infantil pelas pesquisas apresentadas nas reuniões da Anped. Um segundo aspecto se refere ao critério de homogeneidade: são todos trabalhos apresentados nas Reuniões da Anped, tratando do tema que é objeto deste artigo e que foram elaborados segundo as regras das Reuniões. E, finalmente, possuem sincronicidade (BAUER e AARTS, 2013), estando dentro de um recorte temporal definido segundo critérios relacionados às políticas para a educação infantil e ao incremento dos estudos sobre as crianças e infância no Brasil.

No período compreendido entre os anos de 1996 e 2017, foi possível identificar 21 estudos apresentados nas reuniões da Anped. A escolha pelo referido recorte temporal, iniciando-se em 1996, justifica-se por diferentes motivos. Primeiro, pelo fato de que nesse ano creches e pré-escolas passaram a integrar os sistemas de ensino. Em segundo lugar, concomitantemente, nesse período observa-se expansão da produção acadêmica nacional, decorrente do aumento dos cursos de pós-graduação no Brasil (ROCHA, 1999, MARTINS FILHO, 2010). Por último e não menos importante, observa-se o acréscimo de investigações que tomam as crianças como referentes empíricos nos estudos sobre infância, fenômeno impulsionado por investigações conceitualmente matizadas em referenciais oriundos da renovação dos quadros teórico-metodológicos das ciências humanas e sociais (MORROW, 2006).

A Anped reúne grande parte da produção acadêmica do campo educacional, já que se conforma como o grande fórum aglutinador das pesquisas realizadas no âmbito da produção acadêmica nacional. A Anped torna-se um *lócus* de pesquisa importante para a produção deste artigo na medida em que possui dois Grupos de Trabalhos (GTs) que abordam a temática aqui discutida, quais sejam: o GT 07, que reúne trabalhos sobre a *Educação da Criança de Zero a Seis Anos*; e o GT 23, que compreende os estudos sobre *Gênero, Sexualidade e Educação*. Desse modo, os trabalhos aqui reunidos representam parcela significativa da produção acadêmica brasileira.

O levantamento e composição do *corpus* de análise foram realizados entre o segundo semestre de 2016 e o primeiro semestre de 2018 no *site* da referida associação sendo que muitos dos *downloads* dos textos foram realizados em consulta aos anais das reuniões e cujos links estão disponíveis no ambiente virtual da Anped. Foram realizadas consultas a cada um dos *sites* que contêm os trabalhos relativos aos encontros da 19ª reunião anual de 1996 até a 38ª reunião de 2017, já que a Associação não dispõe de mecanismos mais eficazes de busca pelos trabalhos.

O processo de seleção e organização dos textos foi realizado em duas fases. Na primeira, os 21 trabalhos foram organizados em planilhas do *Microsoft Excel* nas quais foram distribuídos por GT (o primeiro plano agrupou os artigos apresentados na Anped como um todo, o segundo plano abarcou apenas os artigos provenientes do GT 07, sendo que o terceiro plano reuniu somente os trabalhos advindos do GT 23). Nesse primeiro momento, deu-se preferência à leitura dos títulos, resumos e palavras-chaves dos trabalhos, procedimento que permitiu verificar quais eram os estudos que condiziam com o escopo do levantamento. Na segunda fase, os 21 trabalhos inicialmente selecionados foram lidos na íntegra. Essa leitura possibilitou identificar estudos que versavam especificamente sobre gênero, infância e Educação Infantil e consideraram as crianças como referentes empíricos, isto é, que tomaram meninos e meninas como sujeitos capazes de, no processo de produção dos dados, falar sobre suas próprias experiências sociais (ALDERSON, 2009). No período delimitado para o levantamento foram encontrados oito trabalhos no GT 07 e treze trabalhos no GT 23, conforme visualizamos na tabela a seguir:

Tabela 1: Trabalhos apresentados por ano na Anped nos GTs 07 e 23

Ano de publicação	GT 07	GT 23
1996	0	----
1997	0	----
1998	0	----
1999	0	----
2000	1	----
2001	1	----
2002	0	----
2003	0	----
2004	1	1
2005	1	2
2006	0	0
2007	0	1
2008	0	2
2009	0	1

2010	0	1
2011	0	0
2012	3	1
2013	0	0
2015	1	1
2017	0	3
Total por GT	8	13

Fonte: arquivos da pesquisa

Conforme visualizamos na tabela 1, o GT 23 produziu um número maior de trabalhos sobre a temática, embora seja mais novo (criado em 2004) do que o GT 07 (que data de 1981). O conjunto dos trabalhos reunidos nesse levantamento permite-nos perceber como as áreas da Educação Infantil e dos estudos de gênero (respectivamente representadas pelo GT 07 e o GT 23) têm abordado a temática das relações de gênero, infância e Educação Infantil.

Conforme Costa e Silva (2015, p. 14) “pela quantidade de trabalhos encontrados na Anped, nos dois GT pertinentes ao interesse desse texto percebe-se que ainda são incipientes os estudos sobre gênero na Educação Infantil. No GT 07, o número é ainda menor, possivelmente por gênero não ser o foco principal do grupo, ao contrário do GT 23”. Nesse sentido, os dados apresentados na tabela 1 permitem inferir que na pesquisa educacional brasileira, a discussão sobre gênero, infância e Educação Infantil apresenta maior ressonância no âmbito dos estudos feministas do que na área de estudos e pesquisas sobre Educação Infantil, haja vista que em 13 anos de existência o GT 23 apresenta 13 trabalhos e em 21 anos o GT 07 apresenta oito trabalhos.

2. O que revelam os trabalhos apresentados na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação sobre gênero, infância e Educação Infantil

Os trabalhos encontrados nos dois GTs da Anped podem ser divididos a partir das seguintes temáticas: relações de gênero entre adultos e crianças; relações de gênero na perspectiva das crianças; pedagogias de gênero produzidas para as crianças e balanços e revisões da produção acadêmica, conforme podemos visualizar no quadro 1, apresentado a seguir:

Quadro 1: Agrupamento temático dos trabalhos apresentados na Anped

Temáticas	Quantidade de artigos
Relações de gênero entre adultos e crianças	4
Relações de gêneros na perspectiva das crianças	7
Pedagogias de gênero produzidas para as crianças	8
Balanços e revisões da produção acadêmica	2
Total	21

Fonte: arquivos da pesquisa

A seguir, são apresentadas as principais características dos trabalhos reunidos em cada um desses agrupamentos como forma de apreensão das especificidades da produção recente dos textos apresentados nas reuniões da Anped.

a. Balanços e revisões da produção acadêmica

Os artigos apresentados por Costa e Silva (2015) e Costa e Silva e Moraes (2017), são textos que expressam *balanços ou revisões da produção acadêmica*. No primeiro, a autora expõe um balanço dos trabalhos apresentados nessa Associação Nacional entre os anos de 2007 e 2013 (oriundos tanto do GT 07 quanto do GT 23) contrastando os resultados destes estudos com as ideias sobre construção da identidade de gênero presentes no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI – (COSTA E SILVA, 2015). No segundo, as autoras apresentam uma análise dos trabalhos de conclusão do Curso Gênero e Diversidade na Escola cujos autores estudaram o cotidiano de instituições de educação à luz das teorizações dos estudos de gênero (COSTA E SILVA e MORAES, 2017).

Uma das constatações desses estudos é que há um aumento do interesse dos/as pesquisadores/as do campo educacional pela construção das identidades de gênero de meninos e meninas (COSTA E SILVA, 2015) assim como de docentes que abordam a temática no âmbito da formação continuada (COSTA E SILVA e MORAES, 2017).

b. Pedagogias de gênero produzidas para as crianças

Outro grupo de trabalhos identificado neste levantamento agrega os artigos cujos escopos teórico-metodológico problematizam as *pedagogias de gênero produzidas para as crianças* (SABAT, 2001; 2004; VASCONCELOS, 2004; ROVERI, 2007; CARVALHO, COSTA e MELO, 2008; MARANGON e BUFREM, 2010; SALGADO, LUIZ e FERRARINI, 2012; SALGADO, SUSSEL e OLIVEIRA, 2015; PEREIRA, 2017).

Orientados por referencial teórico inscritos na interseção dos estudos de gênero e estudos pós-estruturalistas, os trabalhos presentes nesse grupo demonstram que, em diferentes dimensões e práticas curriculares da Educação Infantil, circulam variados significados sobre ser menino e menina e, nesse sentido, os artigos aqui reunidos deixam seu contributo

para a produção acadêmica da área na medida em que evidenciam como tais significados operam na construção de identidades *generificadas* das crianças. Desse modo, todas as experiências, situações e exercícios proporcionados aos meninos e às meninas têm efeitos diretos sobre suas vidas, sobre suas possibilidades e limitações como sujeitos que constroem suas identidades de gênero.

Este grupo de artigos aponta para a existência de uma pedagogia *gendrada*, tal como sugerido no artigo de Carvalho, Costa e Melo (2008). Essas autoras compreendem que a organização dos espaços educacionais (especialmente os de Educação Infantil) difunde uma pedagogia visual *gendrada* e que, tal organização “compreende a configuração espacial das ações e objetos, ou seja, os cenários impostos às crianças, e a prescrição de atividades e interações que devem ocorrer nesses cenários, bem como os signos e símbolos expostos às crianças nas rotinas escolares” (CARVALHO, COSTA e MELO 2008, p. 1). Tais estudos demonstram que existe uma pedagogia silente e fluida distribuída ao longo dos espaços e ambientes das instituições de cuidado e educação cuja composição implica a disseminação de roteiros com prescrições de modos de ser menino e menina; homem e mulher, configurando uma pedagogia organizacional (implícita em algumas situações e explícita em outras).

Para elas, os espaços, ambientes e rotinas organizadas na Educação Infantil difundem (tanto de modo objetivo/explicito quanto de modo subjetivo/implícito) representações simbólicas de gênero[2]. Tal difusão ocorre de modo tácito e silencioso através da instauração de uma pedagogia (visualmente organizada, mas nem sempre perceptível à primeira vista) que impõe objetos, lugares, atividades e relações aos meninos e às meninas (CARVALHO, COSTA e MELO, 2008).

No que Carvalho, Costa e Melo (2008, p. 15) denominam roteiros de gênero, “estão demarcados a sinalização de lugares, [...] comportamentos e atitudes femininas e masculinas” que vão sendo apreendidos pelas crianças nas relações que estabelecem entre si nos momentos de brincadeira. Como princípio regulador da vida humana, a partir das relações de gênero, os espaços, os objetos e as atividades realizadas nas instituições de Educação Infantil são organizados de acordo com os sexos, firmando e afirmando, legitimando e deslegitimando modos de subjetivação femininos e ou masculinos. Percebendo tal divisão do mundo (entre homens e mulheres, entre coisas de homens e coisas de mulheres, entre espaços socialmente aceitos para homens e para mulheres), a criança aprende a decodificá-lo desse modo e se insere em tais práticas, compreendendo-as como “naturalmente” elaboradas.

O que os trabalhos coligados nesse grupo esforçam-se em demonstrar é que o processo pelo qual nos tornamos homens e mulheres deriva de um extenso percurso de socialização “durante o qual os indivíduos vão adquirindo referenciais de conduta que os identificarão socialmente como pertencentes a tal ou qual sexo. A criança vai sendo introduzida neste processo de introjeção/significação da cultura de gênero, de forma sutil, em vários momentos” (OLIVEIRA BARRETO e SILVESTRI, 2008, p. 17). Entretanto, uma das lacunas deixada por este grupo é a falta de problematização acerca dos modos como meninos e meninas se portam frente a esse processo de socialização. Se tais trabalhos demonstram como brinquedos e brincadeiras influenciam a produção das identidades de gênero de meninos e meninas (VASCONCELOS, 2004; ROVERI, 2007), assim como os rituais presentes no cotidiano escolar como, por exemplo, a realização das filas separadas de meninos e meninas (MARANGON e BUFREN, 2010), bem como os filmes infantis que comumente são veiculados pelos/as docentes para as crianças (SABAT, 2001; 2004), tais estudos não se propõem compreender como as crianças lidam com tais artefatos. Se por um lado os trabalhos apresentam a força dos diferentes processos socializadores dos quais as crianças participam, por outro não se prestam a demonstrar “como estes critérios de diferenciação entre meninos e meninas têm sido construídos, desconstruídos, reconstruídos, questionados e afirmados pelas crianças em suas relações na escola” (MEIRELES, 2009, p. 5-6).

Do ponto de vista metodológico, os textos aqui reunidos apontam os métodos observacionais (em geral associados à etnografia) como metodologia de pesquisa capaz de desvelar toda essa pedagogia implícita que se desenrola no cotidiano das instituições de Educação Infantil. No que diz respeito aos dados de pesquisa, os mesmos são produzidos por meio de diferentes instrumentos que evidenciam relações interpessoais como, por exemplo, a observação participante com registros em cadernos de campos e vídeo-gravações. Contudo, nesses estudos, verifica-se baixo uso de técnicas de conversação que permitam compreender os pontos de vista das crianças.

c. Relações de gênero na perspectiva das crianças

Outro grupo de trabalhos apresentados no âmbito das reuniões nacionais da Anped é composto por estudos que versam sobre as ***relações de gênero na perspectiva das crianças***. Os trabalhos desse grupo (FINCO, 2005; BARRETO e SILVESTRI, 2008; MEIRELES, 2009; BUSS-SIMÃO, 2012b; MAYNART e HADDAD, 2012; MIZUSAKI e GOMES, 2017) discutem o protagonismo das crianças nos processos de produção de suas identidades de gênero.

Inscritos em tradições de pesquisas tributárias da psicologia histórico-cultural de Vigostki e seus colaboradores e de teorizações provenientes dos novos Estudos da Infância, os trabalhos reunidos nesta categoria consideram a compreensão das ações sociais das crianças como forma privilegiada de compreensão dos sentidos que elas produzem sobre as relações de gênero.

Uma das principais contribuições desse grupo de trabalhos é a compreensão da brincadeira “como uma atividade privilegiada de apropriação e reconstrução da cultura, em que a criança compartilha e negocia com seus pares significados, regras e papéis sociais do meio em que está inserida”, tal como propõem Maynart e Haddad, (2012, p. 2). Desse modo, brinquedos e brincadeiras são concebidos como processos e práticas culturais que vão sendo “apropriados pelas crianças no cotidiano como ícones por meio dos quais são acionados, dentre outros valores, os referenciais de gênero que vão sendo introjetados/construídos, no imaginário infantil, de acordo com as formas de acesso e os usos dos brinquedos” (BARRETO e SILVESTRI, 2008, p. 03). Isso faz com que os momentos de brincadeiras sejam compreendidos como um tempo-espaço no qual é possível observar as crianças enquanto sujeitos construtores de suas identidades de gênero.

Tais estudos têm buscado compreender as formas, as significações e as vias de transmissão de elementos culturais e sociais que as crianças produzem ao passo em que vivenciam as relações de gênero. Desse modo, os trabalhos reunidos nesta categoria afirmam que ao dirigir sua atenção às indicações das crianças a categoria gênero emerge “como sendo uma categoria central e constituidora de suas relações, interações e das suas possibilidades de ação social” (BUSS-SIMÃO, 2012b, p. 1-2).

Como as investigações congregadas nesse grupo tomam as crianças como depoentes empíricos capazes de narrar suas próprias experiências sociais, a maior contribuição de tais estudos é de ordem metodológica. As pesquisas aqui concentradas veem as crianças como atores sociais competentes no tempo presente e que, embora possuam especificidades etárias, têm muito a dizer sobre a sociedade e sobre as relações sociais que vivenciam, permitindo que seus interlocutores adultos (professores e pesquisadores) levem-nas em consideração no âmbito da produção dos dados.

A observação prolongada das interações entre pares é referendada por esse grupo de trabalhos como metodologia privilegiada para aceder ao ponto de vista das crianças sobre as apropriações que elas realizam das relações de gênero (FINCO, 2005; BARRETO e SILVESTRI, 2008; BUSS-SIMÃO, 2012; MIZUSAKI e GOMES, 2017). A etnografia, a observação participante e outras metodologias focalizadas em métodos observacionais são potencialmente vistas como capazes de identificar as peculiaridades das relações de gênero nos primeiros anos de vida. No entanto, os dados provenientes dos métodos observacionais são constantemente triangulados com técnicas de conversação aplicadas tanto com adultos quanto com crianças. Nesse sentido, a conjugação entre diversas metodologias permite que pesquisadores/as da infância construam formas sensíveis e mais eficazes de captar as experiências das crianças, com ênfase nas situações concernentes às relações de gênero e que contribuem para a constituição de suas identidades sociais.

Os estudos que compõem o grupo de trabalhos que discute as relações de gênero na perspectiva das crianças evidenciam que meninos e meninas são “capazes de múltiplas relações, [...] a todo momento experimentando diferentes formas de brincadeira, buscando novos prazeres, fazendo coisas por possuírem curiosidade e vontade de conhecer” (FINCO, 2005, p. 11). Porém, ao negligenciarem as relações entre adultos e crianças, tais estudos não permitem perceber a influência que diversos discursos podem ter sobre as crianças, tanto no sentido de legitimar algumas construções unidirecionais a respeito das maneiras de ser ou de se viver um ou outro gênero, quanto de flexibilizar estas fronteiras e permitir que elas sejam mais livres para fazer suas escolhas independente de pertencerem a um determinado gênero (MEIRELES, 2009, p. 7).

Diferentemente da categoria anterior – na qual prevalece o peso das práticas e discursos no processo de conformação das identidades de gênero das crianças – os trabalhos que investigaram as *relações de gênero entre as crianças* destinam pouca atenção às dimensões estruturais das *pedagogias de gênero organizadas pelos adultos* para os pequenos. Ou seja, há que se considerar que forças estruturantes se interpõem nas ações dos indivíduos, principalmente quando se trata das relações de gênero em um contexto estruturado pelos adultos para as crianças como as instituições de Educação Infantil.

d. Relações de gênero entre adultos e crianças

Um último grupo de trabalhos identificado entre os textos apresentados nas reuniões anuais da Anped diz respeito aos estudos que versam sobre *as relações de gênero entre adultos e crianças*. Neste grupo de trabalhos, os textos (SOUZA, 2000; 2005; TORTATO, 2008; RIBEIRO, 2012) evidenciam a insegurança (decorrente do despreparo) dos/as professores/as frente às questões de gênero e sexualidade levantadas pelas crianças e que atravessam o trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil.

Os textos evidenciam como a sexualidade das crianças é negada em função de uma compreensão de meninos e meninas como seres puros e ingênuos (RIBEIRO, 2012) e todos/as aqueles/as que expressarem seus comportamentos sexuais são vistos/as como sujeitos pervertidos que escapam à norma, sendo, portanto, alvo de preocupação e vigilância por parte dos/as docentes da Educação Infantil (SOUZA, 2005).

O trabalho de Ribeiro (2012) apresentado na 35ª Reunião anual da Anped aborda a insegurança dos/as docentes frente às questões relativas às relações de gênero e à sexualidade das crianças. Essa autora apresenta uma análise acerca das falas das professoras que atuam na Educação Infantil da rede municipal de educação de Lavras – Minas Gerais e que participaram, no decorrer do segundo semestre de 2011, de um curso de formação continuada com a temática de gênero e sexualidade na infância, oferecido pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e pela e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (SECADI).

Fundamentando-se no conceito de enunciado de Michel Foucault, Ribeiro analisa os *ditos*, os *não ditos* e os *interditos* presentes nas falas dos/as educadores/as presentes nos encontros desse curso de formação continuada. Os/as professores/as demonstraram que, muitas vezes, os familiares das crianças confundem os conceitos de gênero e sexualidade, uma vez que demonstram desconhecer (ou não aceitar a ideia de) que as crianças são seres sexuados, que expressam sua sexualidade e também ideias relativas a essa temática, o que impede o desenvolvimento de um trabalho que reconheça as crianças também sob esse aspecto. Desse modo, esclarece Ribeiro (2012, p. 10), gênero e sexualidade são atravessados pela diversidade “de valores, de religião, de crenças, de costumes, de concepções, de significações, que também se entrelaçam com o dito e o não dito, o pode e o não pode, prazeres e desprazeres, alegrias e tristezas, vergonhas, culpas, insinuações, segundas intenções”.

A autora conclui o estudo afirmando que as relações de gênero e a sexualidade, embora não estejam inseridas intencionalmente nos Projetos Político Pedagógicos das Instituições de Educação Infantil, emergem com uma força grande nas falas das profissionais que relatam desconhecimento e despreparo frente às situações demandadas pelas crianças.

Uma das críticas que os trabalhos reunidos nesse grupo realizam refere-se à urgência e necessidade de formação docente para lidar com as questões relativas às relações de gênero e de sexualidade (TORTATO, 2008) emergentes das

experiências de meninos e meninas.

3. *A guisa de considerações finais*

O conjunto dos trabalhos reunidos nesse levantamento, ao abranger artigos apresentados na Anped de 1996 a 2017, evidenciou progressos e também algumas limitações presentes nesses estudos, bem como as eventuais lacunas da produção recente, fato que permite problematizar a produção acadêmica brasileira, ainda que por meio da análise de parte desta produção que, embora pequena, se mostra significativa.

Embora possa, à primeira vista, demonstrar certa dispersão conceitual no processo de apreensão do fenômeno social em questão, essa heterogeneidade de afiliações teóricas demonstra não só a complexidade do objeto de estudo, qual seja: as relações de gênero vivenciadas na infância; como também evidencia a constituição do campo de estudos e pesquisas que se preocupa em analisar como os processos de socialização de gênero são vivenciados nos primeiros anos de vida pelas crianças. Outrossim, demonstra que a compreensão da complexidade da infância na contemporaneidade demanda uma abordagem interdisciplinar, na qual diversas áreas das ciências sociais e humanas são convocadas ao debate e à reflexão crítica sobre as experiências de meninos e meninas.

Do ponto de vista metodológico, os trabalhos são quase unânimes em apontar princípios oriundos da etnografia como formas capazes de contribuir para a construção de um olhar pautado na alteridade da infância sem, contudo, assumir a prática e a experiência etnográfica como matriz metodológica de pesquisa com crianças. Isso explica, em certo sentido, o uso indiscriminado de expressões: lógica, cunho, inspiração e/ou orientação etnográfica no âmbito das metodologias dos estudos analisados neste levantamento, demarcando que não se trata de etnografia da educação e sim etnografia na educação (MARTINS FILHO, 2010).

Outra questão que os estudos revelam é que muitos deles propõem que para aceder ao ponto de vista das crianças, para fazer emergir as vozes de meninos e meninas, refinar e reestruturar métodos de pesquisa já consagrados na produção de dados em interlocução com sujeitos adultos, é um exercício de reflexividade metodológica necessário (e salutar) para o campo. Nessa perspectiva, privilegia-se o uso de procedimentos metodológicos que permitam captar “as diferentes expressões infantis, contrariando a lógica comunicacional adultocentrada, para possibilitar uma relação mais comunicativa e um desafiador processo de aproximação com os diferentes grupos infantis” (ROCHA, 2007, p. 09). Desse modo, a brincadeira e as diferentes interações das crianças são vistas como formas de expressão simbólicas potencialmente relevantes para se compreender as distintas possibilidades que elas têm de viver a infância nos contextos coletivos de educação e cuidado, fato este que, progressivamente, contribui para a consolidação de um campo pedagógico específico da infância e da Educação Infantil (ROCHA, 1999).

Embora sejam evidentes os limites do recorte deste levantamento da produção acadêmica presente nos trabalhos apresentados nas Reuniões da Anped – que se preocupou em analisar apenas os trabalhos oriundos do campo da educação – a realização deste estudo permite problematizar novas questões, tais como: *dada as associações de diferentes correntes teóricas e a constituição de metodologias capazes de apreender o ponto de vista das crianças, estaríamos diante da emergência de uma área de pesquisas e estudos (que visa compreender as especificidades das relações de gênero nos primeiros anos de vida)? O que se tem produzido sobre gênero, educação infantil e infância em outras áreas das ciências humanas e sociais?* Essas são questões a se investigar buscando, para tanto, agregar a esse levantamento pesquisas e estudos em outros campos disciplinares das ciências humanas e sociais como forma de compreender o estado da arte (ROMANOWSKI e ENS, 2006) sobre as relações de gênero das crianças na Educação Infantil.

Em suma, tais questões nos inspiram a produzir estratégias de resistência frente à intenção de setores conservadores que insistem em sustentar binarismos nas construções de gênero das crianças, suprimindo da agenda de formação da educação básica termos como gênero e educação sexual e, desse modo, negando às crianças o direito de vivenciar experiências de construção de outras possibilidades de vivenciar as masculinidades e as feminilidades.

Referências bibliográficas

- ALDERSON, Priscilla. Children as researchers: the effects of participation rights on research methodology. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (eds.) *Research With Children: perspectives and practices*. London: Routledge, 2008 (second edition). p. 271-290.
- BARRETO, Flávia de Oliveira; SILVESTRI, Monica Ledo. Relações dialógicas interculturais: brinquedos e gênero. In: **28ª Reunião Anual da Anped**. 2008. Anais eletrônicos, Disponível em: www.Anped.org.br. Acesso em: junho de 2014.
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. São Paulo: Vozes, 2013. P. 39-63.
- BUSS-SIMÃO, Marcia. Meninos entre meninos num contexto de educação infantil: um Olhar sobre as relações sociais de gênero na perspectiva de Crianças pequenas. In: **35ª Reunião da ANPED**, 2012b. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://35reuniao.Anped.org.br>. Acesso em: maio de 2016.
- CARVALHO; Maria Eulina Pessoa de, COSTA; Eliana Célia Ismael da, MELO; Rosemary Alves de. Roteiros de Gênero: A Pedagogia Organizacional e Visual Gendrada no Cotidiano da Educação Infantil. **31ª Reunião Anual da Anped**. Anais

eletrônicos, Disponível em: www.Anped.org.br. Acesso em: junho de 2014.

CONNELL, Raweyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução e revisão técnica: Marília Moschkovich. São Paulo: *nVersos*, 2015.

COSTA E SILVA, Francisca Jocineide da; MORAES, Adenilda Bertoldo Alves. "Coisas de meninos e coisas de meninas": a produção do curso gênero e diversidade na escola sobre educação infantil. In: **38ª Reunião Anual da Anped**. Anais Eletrônicos. São Luiz/MA, 2017. Disponível em: <http://www.Anped.org.br>. Acesso em: fevereiro de 2018.

COSTA E SILVA, Francisca Jocineide da. Construções de identidade de gênero na primeira infância: uma análise da produção científica e do RCNEI. In: **37ª Reunião Anual da Anped**. Anais Eletrônicos. Florianópolis/SC, 2015. Disponível em: <http://www.Anped.org.br>. Acesso em: fevereiro de 2016.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 26, 2006, pp. 279-288.

FINCO, Daniela. Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões. In: **28ª Reunião Anual da Anped**. Anais Eletrônicos. Caxambu/MG, 2005. Disponível em: <http://www.Anped.org.br>. Acesso em: junho 2014.

MARTINS FILHO, Altino José. Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na Anped. In: **33ª Reunião Anual da Anped**. 2010, Caxambu. Texto disponível em: www.Anped.org.br. Acesso em 15 de agosto de 2014.

MARANGON, Davi; BUFREM, Leilah Santiago. A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil. In: **33ª Reunião Anual da Anped**. Anais Eletrônicos. Caxambu/MG, 2010. Disponível em: <http://www.Anped.org.br>. Acesso em: junho 2014.

MEIRELES, Gabriela Silveira. O que dizem as crianças sobre meninos e meninas?: anunciando o jogo das construções, desconstruções e reconstruções das dicotomias de gênero na educação infantil. In: **32ª Reunião Anual da Anped**. Anais Eletrônicos. Caxambu/MG, 2005. Disponível em: <http://www.Anped.org.br>. Acesso em: junho 2014.

MIZUSAKI, Renata Aparecida Carbone; GOMES, Cleomar Ferreira. Experiências de identidades de gênero: corpo brincante em espaços institucionais – entre brinquedos, brincadeiras e outras habitações lúdicas. In: **38ª Reunião Anual da Anped**. Anais Eletrônicos. São Luiz/MA, 2017. Disponível em: <http://www.Anped.org.br>. Acesso em: fevereiro de 2018.

MORROW, Virginia. Understanding Gender Differences in Context: Implications for Young Children's Everyday Lives. **Children & Society**. Vol. 20, 2006, pp. 92-104.

PEREIRA, Angélica Silvana. Barbie, Max Steel e os heróis que estão em você: consumo e pedagogias de gênero na produção da criança em tempos de (in)tolerância. In: **38ª Reunião Anual da Anped**. Anais Eletrônicos. São Luiz/MA, 2017. Disponível em: <http://www.Anped.org.br>. Acesso em: fevereiro de 2018.

PRETTO Zuleica; LAGO, Mara C. S. Reflexões sobre a infância e gênero a partir de publicações em revistas feministas brasileiras. **Revista Ártemis**. n. 15, vol.1, 2013, pp. 56-71.

RIBEIRO, Cláudia Maria. No labirinto da educação infantil as falas de educadoras. In: **35ª Reunião da ANPED**, 2012. Disponível em: www.Anped.org.br. Acesso em: maio de 2015.

ROCHA, Eloisa Arcires Candal. **A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia. Tese, Doutorado em Educação, UNICAMP, 1999.

ROCHA, Eloisa Arcires Candal. 30 anos da Educação Infantil na Anped: Caminhos da Pesquisa. In: **30ª Reunião Anual da Anped**. Trabalho encomendado. Gt 07, Caxambu-MG, 2007. Texto disponível em: www.Anped.org.br. Acesso em 22 de agosto de 2014.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As Pesquisas Denominadas do Tipo "Estado da Arte" em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 6, núm. 19, 2006, p. 37-50.

ROVERI, Fernanda Theodoro. A boneca Barbie e a educação de meninas - Um mundo de disfarces. In: **30ª Reunião Anual da Anped**. Anais eletrônicos, 2007. Disponível em: www.Anped.org.br. Acesso em: junho de 2014.

SABAT, Ruth Ramos. Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis. In: **24ª Reunião anual da ANPED**. 2001. Anais eletrônicos, Disponível em: <http://www.Anped.org.br>. Acesso em: agosto de 2014.

SABAT, Ruth. Educar para a sexualidade normal. In: **27ª Reunião Anual da Anped**. Caxambu, 2004, p. 08. Anais eletrônicos, Disponível em: www.Anped.org.br. Acesso em: junho de 2014.

SALGADO, Raquel Gonçalves; LUIZ, George Moraes de; FERRARINI, Anabela Rute Kohlmann. Crianças mirando-se no espelho da cultura: corpo e beleza na infância contemporânea. In: **35ª Reunião Anual da Anped**. Anais eletrônicos. Porto de Galinhas, 2012. Disponível em: www.Anped.org.br. Acesso em: junho de 2014.

SALGADO, Raquel Gonçalves; SUSSEL, Carmem Lúcia; OLIVEIRA, Evandro Salvador Alves de. Entre a inocência e o profano: a sexualidade na infância contemporânea. In: **37ª Reunião Anual da Anped**. Anais Eletrônicos. Florianópolis/SC, 2015. Disponível em: <http://www.Anped.org.br>. Acesso em: fevereiro de 2016.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Socialização de gênero na educação infantil: continuidades e rupturas vivenciadas pelas crianças na família, na igreja e na escola. **Educação (Santa Maria)**, v. 42, n. 3, set./dez. 2017, pp. 731-750.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da. Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. *Cadernos Pagu*. 2010, n.34, pp. 17-39.

SOUZA, Fabiana Cristina de. A prática pedagógica na escola: Reprodução de estereótipos sexuais. In: **23ª Reunião Anual da Anped**. 2000. Anais eletrônicos, Disponível em: www.Anped.org.br. Acesso em agosto de 2014.

SOUZA, Fabiana Cristina de. Diferenças de gênero na escola: interiorização do masculino e do feminino. In: **28ª Reunião Anual da Anped**. Anais Eletrônicos. Caxambu/MG, 2005. Disponível em: <http://www.Anped.org.br>. Acesso em: junho 2014.

THORNE, Berry. **Gender Play: girls and boys in schools**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press. 1993.

TORTATO, Cintia de Souza Batista. Profissionais da educação infantil e ensino fundamental diante das questões de gênero e diversidade sexual: as possibilidades da literatura infantil. In: **28ª Reunião Anual da Anped**. 2008. Anais eletrônicos, Disponível em: www.Anped.org.br. Acesso em: junho de 2014.

VASCONCELOS, Fátima. Bonecas: objeto de conflito identitário na arena da dominação cultural. In: **27ª Reunião Anual da Anped**, Caxambu/MG, 2004. Anais eletrônicos, Disponível em: www.Anped.org.br. Acesso em: junho de 2014.

WEST, Candace; ZIMMERMAN, Don H. Zimmerman. Doing Gender. **Gender and Society**, vol. 1, no. 2, 1987, pp. 125-151.

[1] A socialização de gênero é aqui compreendida como a conjugação de diferentes mecanismos que visam a fabricação de subjetividades *gendradas* e demarcam as especificidades sociais em torno das meninas e dos meninos, pressupondo ora a articulação, ora a dispersão e ora a concorrência de diferentes processos de socializadores (SANTOS, 2017).

[2] Por representações simbólicas de gênero, compreende-se “o conjunto de formas culturalmente organizadas que possibilitam aos sujeitos aludir, classificar, mostrar ou nomear a si mesmos, as pessoas e as coisas com base nas diferenciações historicamente construídas entre a masculinidade e a feminilidade” (SANTOS, 2017, p. 733).